

A VERDADEIRA ADORAÇÃO A DEUS SEMPRE DESEMBOCA EM MISSÃO – A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO



“[30] Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu na mão de assaltantes, que o roubaram e, depois de espancá-lo, foram embora, deixando-o quase morto. [31] Por acaso, um sacerdote descia pelo mesmo caminho e, vendo-o, passou longe. [32] De igual modo, também um levita chegou àquele lugar e, quando o viu, passou longe. [33] Mas um samaritano, que ia de viagem, aproximou-se e, vendo-o, encheu-se de compaixão; [34] e chegou perto dele, enfaixou suas feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua própria montaria, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele.” (Lucas 10.30-34 – Almeida Século 21)

Ao estudarmos o contexto da passagem bíblica acima, observamos que um “doutor da Lei”, isto é, um especialista em Antigo Testamento, se sente incomodado pelo fato de Jesus ter afirmado que os mistérios do Reino de Deus estavam ocultos aos sábios e entendidos, mas revelados por Deus aos “pequeninos” (vv. 21) – pessoas simples, com mente e coração abertos, mas que eram socialmente rejeitados pela elite religiosa daquela época. E na intenção de gerar um debate teológico entre rabinos, esse mestre judeu formula uma questão de direito sobre os requisitos necessários para se herdar a vida eterna (vv. 25).

O Senhor Jesus aceita a disputa e questiona o rabino sobre o conteúdo e o entendimento que ele tinha da Lei (vv. 26). Em resposta a Jesus o mestre da Lei cita corretamente (vv. 27) duas passagens bíblicas concernentes ao assunto – Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18b). Jesus parabeniza o seu oponente pela resposta certa e encerra a discussão – “*Respondeste bem; faze isso e viverás*” (vv. 28).

Não satisfeito com a forma como se deu o fim do debate, e talvez buscando reconhecimento pessoal por parte das pessoas presentes naquela ocasião, o doutor da Lei capciosamente pergunta a Jesus sobre quem seria o seu “próximo” (vv. 29).

O rabino esperava que Jesus fizesse novamente uma contra pergunta sobre conteúdo e compreensão da Lei, de forma que ele pudesse citar o trecho das Escrituras onde os judeus entendiam – no contexto imediato – que “próximo” é todo “israelita da mesma categoria” (cf. Levítico 19.18a – “*filhos (gente) do teu povo*”) e, em segundo plano, “qualquer não israelita habitante em Israel” – convicção da maioria das pessoas daquela época em relação aos prosélitos¹.

¹ **Prosélito.** Pessoa que foi atraída e que se converteu a uma religião, uma seita, uma doutrina ou um partido, um sistema, uma ideia etc. Entre os antigos hebreus, indivíduo recém-convertido à religião judaica. (Dicionário Houaiss)

Em vez de contra argumentar, o Senhor Jesus narra a história do bom samaritano para mostrar que o amor a Deus e ao próximo exige compromisso ilimitado na satisfação das necessidades de qualquer pessoa e não apenas “familiares e amigos” – compreensão da maioria dos judeus. Para o Senhor Jesus, o verdadeiro adorador é alguém comprometido com o bem estar do seu semelhante – seja ele conhecido ou não. É como se Ele simplesmente dissesse: “Você quer fazer algo para herdar a vida eterna? Muito bem, tão somente ame a Deus e a seu próximo *continuamente* com a totalidade de tudo o que você é.”.

Fala-se muito em servir a Deus, em amá-Lo de todo coração e em ofertar algo de valor a Ele. Mas de certa forma isso pode ser complicado de se praticar porque nada do que possuímos é algo de que Deus precise ou não tenha. E tudo o que temos é o próprio Deus quem nos deu. A Palavra de Deus declara que é por meio de Cristo que nós “*vivemos, nos movemos e existimos*” (cf. Atos 17.28). Ela também enfatiza que “*quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor*” (cf. Romanos 14.8).

Em uma de suas orações o salmista Davi declara: “*Ó SENHOR, tua é a grandeza, o poder, a glória, a vitória e a majestade, porque tudo quanto há no céu e na terra é teu. Ó SENHOR, o reino é teu, e tu te exaltaste como chefe sobre todos. Tanto riquezas como honra vêm de ti; tu dominas sobre tudo, e há força e poder na tua mão; na tua mão está a exaltação e o fortalecimento.*” (1Crônicas 29.11-12 – Almeida Século 21)

Diante das declarações acima, como agir favoravelmente em relação a Alguém que possui tudo e não necessita de nada? Alguém que é Infinito (cf. 1Timóteo 6.16), Eterno (cf. Salmo 90.2), Auto existente (cf. Atos 17.24-25) e Soberano (cf. 1Crônicas 29.11)? Simples: Amamos a Deus quando reagimos favoravelmente em relação ao nosso semelhante. Em outras palavras, uma vez que “amar” não é uma questão de sentimento mas é um verbo que indica ação, podemos dizer que **Deus escolheu ser amado no próximo!** Podemos constatar essa verdade em um dos ensinamentos do Senhor Jesus onde Ele declara: “*Tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me acolhestes; precisei de roupas, e me vestistes; estive doente, e me visitastes; estava na prisão e fostes visitar-me... Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, ainda que dos mais pequeninos, a mim o fizestes.*” (cf. Mateus 25.35-36, 40b).

Nos dias atuais, no anseio de servir como contraponto para “teologia da prosperidade”, acabamos por desenvolver um “evangelho fantasmagórico”, preocupado tão somente com a “alma” do indivíduo. Fala-se muito em tirar o homem do inferno, mas não retirar o inferno do homem. As igrejas vêm deixando de enxergar o ser humano holisticamente², passando a vê-lo tão somente através da sua

² **Holismo.** Abordagem, no campo das ciências humanas e naturais, que prioriza o entendimento integral dos fenômenos, em oposição ao procedimento analítico em que seus componentes são tomados isoladamente. Na filosofia da linguagem, teoria que considera o significado de um termo ou sentença unicamente compreensível se for considerado em sua relação com uma totalidade linguística maior, através da qual adquire sentido. O sistema como um todo determina como se comportam as partes.

natureza espiritual. O ser humano deve ser visto em sua totalidade, isto é, de forma integral e integrante. Os gestos, as expressões gustativas, os movimentos orbitais, a sensibilidade olfativa, os suspiros, tudo deve ser levado em consideração.

É comum líderes eclesiais perguntarem aos seus congregados: “Quem está feliz, diga ‘amém!’” – o que faz com que o povo responda com vibração. Mas, e quem “não está feliz”, faz o quê? Chora? Continua sofrendo? Permanece como mero espectador diante da alegria e bênçãos alheias? O ser humano precisa ser visto pela Igreja com inteireza, como uma unidade bio-psico-sócio-espiritual³. Ele existe nessas quatro dimensões. Isso quer dizer que suas necessidades, sua satisfação e seu funcionamento estão dentro dessas dimensões. O tempo inteiro o homem está se comportando segundo a junção dessas dimensões. Elas não existem isoladas. Você não pode isolar o aspecto biológico do psicológico, por exemplo. Essas dimensões estão interligadas e funcionam como vasos comunicantes. As emoções têm uma ligação direta com o aspecto físico. As tensões causadas pelo social, pelo econômico também têm influência nos aspectos biológicos e psicológicos. E assim por diante. Daí a necessidade de pregar o “Evangelho todo” para o “homem todo”.

Sendo assim, para quem entende que servir a Deus tem a ver com cargos no templo, quase sempre o que sobra é frustração pois, no templo, não há cargos para todos. Todavia, para quem entende que servir a Deus tem a ver com solidariedade e amor ao próximo – que é visto como um todo –, o que sobra é utilidade continuada e plenitude em ser e servir.

Uma “parábola” é uma história, ou objeto ou metáfora “colocada ao lado” de uma verdade espiritual para esclarecer seu significado ou importância. Trata-se de uma figura que estabelece uma comparação entre dois termos de sentidos diferentes ligados por expressões semelhantes a “assim como”, “do mesmo modo que” etc. As parábolas de Jesus dizem respeito à forma do reino dos céus, que está sendo apresentado pelo Messias, em contraste com o reino visível descrito pelos profetas e esperado pelos contemporâneos de Jesus. A Parábola do Bom Samaritano é, sem dúvida, uma das histórias mais conhecidas das Escrituras Sagradas. Ela fala da necessidade de se ter compaixão ao ver outro ser humano passando necessidades, e estender a mão para ajudar.

³ De acordo com o psicólogo José Gilson Cavalcanti, a **dimensão biológica** refere-se aos aspectos físicos do corpo: anatomia, a fisiologia, os sistemas muscular, digestivo, ósseo, hormonal, respiratório, as funções e disfunções dos diversos órgãos, a inter-relação desses sistemas. A **dimensão psicológica** refere-se aos aspectos ligados à personalidade do ser humano, manifestada no comportamento motivado por instâncias conscientes, pré-conscientes e inconscientes. Incluem-se nesta dimensão o pensamento, a memória, os raciocínios o contato e a expressão de sentimentos, emoções, desejos, vontades, necessidades de segurança, de autoestima, de realização. A **dimensão social** diz respeito aos aspectos ligados à vida em grupo, enfocando os fatores econômicos, políticos, ideológicos e culturais. Esta dimensão inclui, necessariamente, a interação e, conseqüentemente, todos os fenômenos que acontecem na interação entre pessoas e grupos. A **dimensão espiritual** relaciona-se ao sentimento de pertencer ao mundo, de ser uma parte do Universo, à noção da existência de um Criador divino cuja grandeza e majestade não podem ser plenamente compreendidas pela natureza humana; é uma dimensão que ultrapassa a matéria tal como a conhecemos.

Na Parábola do Bom Samaritano observamos que um homem judeu viajava de Jerusalém para Jericó por uma estreita estrada com 33 quilômetros de extensão, construída através de um deserto rochoso. Jericó era mais baixa em elevação que Jerusalém – uma descida de 762 metros acima do nível mar para 244 metros abaixo do nível do mar. A estrada que ligava as duas cidades era reconhecidamente insegura porque proporcionava esconderijos naturais para os ladrões, que ficavam à espreita para assaltar os viajantes indefesos. Além disso, não era uma estrada usada habitualmente pela rota comercial, mas principalmente pelos peregrinos. Nessa estrada o viajante judeu é atacado, espancado⁴, despojado de tudo, deixado inconsciente (quase morto)⁵ e sem qualquer possibilidade de ser identificado⁶ (vv. 30). Em seguida surgem na composição da história três personagens: um sacerdote, seguido de um levita, e após ele, um samaritano.

Todos os três personagens citados na história estavam indo ou retornando de alguma missão. Em comum eles tinham, diante de si, a figura de um homem semimorto, caído à beira da estrada. A narrativa bíblica é bem clara ao afirmar que os três personagens enxergaram o homem ferido (vv. 31-33). E o texto também é nítido ao relatar a atitude de cada um deles em relação ao homem atacado.

Cada um dos três personagens representa um modelo, de perfil e postura, que habitualmente adotamos quando nosso amor e serviço a Deus são colocados à prova, através do cumprimento de uma missão de solidariedade em favor de outro ser humano. Afinal, **a verdadeira adoração a Deus sempre desemboca em missão**. E no Reino de Deus, todos nós somos missionários. Não há como ser discípulo de Jesus de outra forma. Foi Ele mesmo quem disse: *“Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”* (João 13.35). E toda expressão de amor envolve ação – produção de algo de valor – de maneira que o Senhor Jesus também declara: *“Meu Pai é glorificado nisto: em que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos”* (João 15.8).

Em resumo, ser discípulo de Jesus envolve amor ao próximo e a geração de frutos oriundos desse amor. Curiosamente, os princípios bíblicos relatados nos textos de João 3.16 e 1João 3.16, caminham juntos, entrelaçados e dependentes um do outro. Veja: *“Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna... Nisto conhecemos o amor: Cristo deu sua vida por nós, e devemos dar nossa vida pelos irmãos.”* (João 3.16 e 1João 3.16). Quando ouvimos o clamor do pobre, quando vemos sua aflição e quando estendemos a mão para socorrê-lo, Deus, então, nos ouvirá quando clamarmos por auxílio!

⁴ O espancamento provavelmente significa que o judeu atacado lutou com os seus agressores.

⁵ A expressão "quase morto", conforme o texto, é equivalente a "próximo à morte", "quase expirando".

⁶ O viajante é capaz de identificar os estranhos de duas maneiras. Ele pode falar com o desconhecido na estrada e identifica-lo por sua maneira de falar, ou até mesmo antes disso, ele pode identificá-lo pela sua maneira de vestir. Por estar inconsciente e despojado (nu), a identidade do homem atacado não podia ser estabelecida em qualquer circunstância.

Quem afirma isso é a própria palavra de Deus: “*Quem tapa os ouvidos ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido.*” (Provérbios 21.13).

O primeiro personagem citado por Jesus é um sacerdote (vv. 31). O sacerdote era o representante de Deus junto ao homem, e do homem perante Deus. Os sacerdotes evitavam a qualquer custo a impureza de um cadáver. Mais especificamente, ele não podia se aproximar mais do que quatro côvados – algo em torno de 1,92 metros – de um cadáver sem se contaminar. Sendo assim, o simples ato de assegurar-se das condições do ferido, faria com que o sacerdote ultrapassasse esse limite. Alguns sacerdotes achavam que se tornariam impuros até mesmo se sua sombra tocasse o defunto. Se o homem ferido estivesse morto, qualquer contato com ele contaminaria o sacerdote, que precisaria rasgar as suas vestes. O sacerdote recebe, distribui e come dízimos. Se ele se contaminar, não poderá fazer nenhuma dessas coisas, e a sua família e seus servos sofrerão com ele as consequências do seu gesto. Um dízimo dos dízimos, chamado de “oferta movida”, era dado pelos levitas ao sacerdote para que este o consumisse juntamente com sua família. Ele podia ser comido somente em um estado de pureza ritual. E também, enquanto tivesse sob a interdição por causa da contaminação ele não podia officiar em nenhuma cerimônia e não podia vestir as suas filactérias. Uma vez contaminado, o sacerdote, para se purificar, tinha que se colocar em pé diante da porta Oriental do Templo, para se envergonhar pela sua remissão devida ao fato de ter contraído impureza. E sobretudo, além da humilhação que isso acarretava, o processo de restauração da pureza ritual era caro e consumia tempo. Incluía a busca, a compra e a queima de uma novilha vermelha até tornar-se cinzas, e o ritual levava uma semana toda. O homem parecia estar morto (vv. 30), e o sacerdote não queria se arriscar. Era melhor deixar a tarefa ser executada por um levita ou um israelita comum. Pensando assim, o sacerdote “se desviou” – “passou pelo outro lado” – do homem ferido, afastando a sua cavalgadura⁷ para outra margem da estrada, e seguindo o seu caminho por não considerá-lo como seu próximo.

O sacerdote representa o perfil daqueles que consideram perda pessoal ajudar alguém.

São pessoas que desconsideram totalmente o ato de sair de suas posições de conforto e segurança, para socorrer os necessitados e indefesos. Muitos se consideram importantes demais para irem ao encontro daquele que sofre. Ignoram o necessitado em prol do seu bel conforto ou prazer. Por exemplo, quando se fala em missões – sejam mundiais, nacionais ou urbanas – dificilmente os cristãos pensam nos adeptos de seitas religiosas que, de tempos em tempos, batem à porta de suas residências.

O segundo personagem apresentado na história é um levita (vv. 32), pessoa dedicada ao serviço e à adoração no templo. Juntamente com o sacerdote, o levita representava o que havia de melhor na ordem moral da antiguidade. O levita não estava limitado por tantas regras quanto o sacerdote. Ao levita era requerido apenas observar a pureza ritual no curso de suas atividades litúrgicas. Assim, ele

⁷ É quase certo que o sacerdote está a cavalo. Os sacerdotes pertenciam às classes mais elevadas da sua sociedade. E ninguém que ocupasse uma posição elevada na sociedade viajava a pé.

poderia prestar ajuda, e se o homem estivesse morto ou morresse em suas mãos, a repercussão para ele não teria sido tão séria. Provavelmente, foi o exemplo do sacerdote, seu antecessor, que o deteve. Ele pode ter pensado: “Se o sacerdote que está à minha frente nada fez, por que eu, um mero levita, devo me preocupar?”. O levita pertencia a uma classe social mais baixa do que o sacerdote, e podia estar a pé. De qualquer forma, ele poderia ter prestado os socorros médicos básicos, mesmo que não tivesse meios para levar o homem a um lugar seguro. Em vez disso, ele considerou que não lhe cabia a tarefa de desempenhar um ofício, do qual o sacerdote acabara de se esquivar. E ainda que o levita, ao chegar àquele lugar, se aproximou do homem ferido, quando o viu, passou longe.

O levita representa o perfil daquele que se considera descomprometido ou incapaz de ajudar alguém. São pessoas que se eximem de qualquer responsabilidade em relação a outro ser humano. Muitos menosprezam seus dons e talentos, delegando sua missão a outros. Com a desculpa de serem incapazes de beneficiar alguém, ou que suas funções seriam melhor representadas por outras pessoas, deixam de estender a mão em direção a alguém e recusam-se a compartilhar as bênçãos que têm recebido. Por causa da omissão e negligência de diversas pessoas que se dizem cristãs é que Deus continuamente declara: *“Busquei entre eles [os servos de Deus] um homem que levantasse o muro e se pusesse na brecha diante de mim por esta terra, para que eu não a destruísse, mas não achei ninguém.”* (cf. Ezequiel 22.30).

O terceiro e último personagem a entrar em cena é um samaritano, pessoa considerada mestiça física e espiritualmente pelos judeus. Os samaritanos eram comparados aos filisteus – antigos inimigos de Israel. Para os judeus, aquele que come o pão dos samaritanos é como aquele que come a carne dos suínos – algo considerado como abominação. Os samaritanos eram publicamente amaldiçoados nas sinagogas. Caso algum samaritano corresse qualquer perigo de morte, o judeu não era obrigado a livrá-lo, uma vez que tal samaritano não era considerado o “próximo” do judeu. Diariamente era feita uma petição a Deus para que os samaritanos não fossem participantes da vida eterna.

O samaritano representa o perfil daquele que é um verdadeiro missionário. Ao contrário dos seus predecessores, o samaritano, ao ver o homem ferido no chão, aproximou-se dele e se encheu de compaixão – sentimento profundo para com o homem ferido (vv. 33). Quando percebeu que o silêncio daquele moribundo poderia ser um grito por socorro, ele deixou de lado os seus interesses pessoais – a sua missão pessoal – para cuidar dos interesses e necessidades do próximo. Mesmo sem conhecer a origem ou as intenções daquele homem moribundo, o samaritano demonstrou uma série de atitudes que merecem ser imitadas:

1. A despeito de não saber quem estava à sua frente, o samaritano revela a predisposição misericordiosa que havia no seu coração e, sem importar com os perigos e dificuldades que estavam ao seu redor, resolve ajudar o homem necessitado. Quem ama, sempre materializa esse amor de forma prática, através de atos concretos.

2. Mesmo não dispondo de materiais adequados para limpar os ferimentos daquele homem, o samaritano se utilizou do que trazia consigo: azeite e vinho. O azeite e o vinho não eram remédios que comumente se usavam para prestar os primeiros socorros⁸. O ideal seria lavar as feridas em água corrente e, em seguida, aplicar algum tipo de bálsamo com propriedades antissépticas e bactericidas.

3. Para evitar o atrito da pele machucada com a rigidez do solo, o samaritano enfaixou as feridas do homem e amenizou a dor e contato da pele contundida com as sujeiras do ambiente onde estavam.

4. Não satisfeito, o bom samaritano foi além do que alguém poderia esperar dele. Ele colocou o homem ferido sobre seu cavalo – abrindo mão do seu conforto durante a viagem – e o levou até uma hospedaria. O texto grego destaca que o samaritano, agindo na condição de servo (estando a pé), “guiou o seu animal” até a estalagem. Ele teve a humildade de “descer” para que outro pudesse “subir”.

5. A disposição que o samaritano demonstrou ao se dirigir a uma hospedaria e ali permanecer a noite toda, ministrando às necessidades do homem ferido, é outro ato de amor abnegado. Sabendo que o ferido não tinha dinheiro, e que se ele não pudesse pagar a conta quando saísse da estalagem, poderia ser preso por causa da dívida, o bom samaritano **cuidou pessoalmente** da situação do homem ferido, em uma demonstração livre de um amor inesperado pela pessoa necessitada – mesmo enfrentando perigo pessoal e já tendo gasto tempo, esforços e dinheiro em prol da recuperação daquele homem.

Em resumo, as atitudes do samaritano nos ensinam que, se não demonstrarmos amor a toda humanidade, não poderemos afirmar que obtivemos a entrada no Reino de Deus. E se queremos a vida eterna, são esses atos que Deus requer de nós. **Precisamos ser “Jesus” na vida do outro.** Precisamos nos tornar próximos de qualquer pessoa que esteja em necessidade e nos estender em compaixão dispendiosa para todas as pessoas – até para os nossos inimigos. **Precisamos refletir as atitudes que o Senhor Jesus teria em relação ao próximo se estivesse em nosso lugar.** Este padrão de conduta continua válido, mesmo que nós nunca o alcancemos.

A Parábola do Bom Samaritano ainda hoje nos desafia. Em que momentos estamos dispostos a “descer” da nossa zona de conforto, para que outra pessoa “suba”? **O sacerdote e o levita contribuíram para os sofrimentos do homem ferido, pela sua negligência.** Não temos nós feito o mesmo, quando fechamos os olhos para os problemas e necessidades dos nossos semelhantes? A Palavra de Deus declara: *“Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado.”* (Tiago 4.17). A oportunidade não aproveitada para se fazer o bem torna-se um mal. Infelizmente, a nossa praticidade de vida demonstra que somos muito mais adeptos da “teologia da espada” (cf. Mateus 26.51-52) do que da “teologia da bacia” (cf. João 13.3-5).

⁸ O azeite e o vinho eram frequentemente usados durante as celebrações das ofertas diárias ao Senhor e das ofertas de cereais. (cf. Êxodo 29.40; Levítico 23.13 – O “him” é uma medida para líquidos, mencionada na Bíblia, equivalente a seis litros e dois decilitros.)

A ordem de Deus para amarmos ao próximo representa Seu convite para imitarmos Sua atitude em relação à humanidade. Quando nosso caminho nos leva a outro ser humano que está passando necessidades, esta pessoa representa nosso próximo, e o amor irá criar dentro de nós compaixão que nos levará a ajudá-la – mesmo que seja através de um gesto simples como um abraço.

Para concluirmos, vale a pena notarmos que todos os personagens citados por Jesus na parábola, são anônimos. A intenção de Jesus era que cada um dos seus ouvintes – e não apenas o “doutor da lei” – analisasse sua postura no dia-a-dia e se colocasse no lugar de um dos três personagens. O mesmo princípio também vale para nós hoje. Há muitas pessoas que necessitam urgentemente da presença hospitalar de um bom homem, de uma boa mulher, de um bom ser humano.

Apêndice:


O bom samaritano representa uma figura tipológica que personifica a pessoa do Senhor Jesus. Para aqueles que foram assaltados pela vida, espancados pelas adversidades, roubados em suas emoções e subtraídos de sua esperança, o Senhor Jesus vem dos altos céus em direção aos feridos – pois Ele enxerga todas as suas aflições – e, por meio do Seu sangue derramado na cruz, cuida de suas dores, sara as suas feridas, toma-os em Seus braços e os ajuda a caminhar novamente. E através da água da vida que provém dEle (cf. Apocalipse 21.6; 22.17), os outrora infortunados, passam a desfrutar uma nova realidade de vida e um novo caminho, construído e conduzido pelo Espírito Santo.

Bibliografia utilizada:

BAILEY, Kenneth E.. *As parábolas de Lucas (reedição de “a poesia e o camponês”): uma análise literário-cultural*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 75-102 p.

KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 226 p.

RODRIGUES, Nelson Lellis Ramos. *Espiritualidade para o século XXI: subsídios teológicos para a espiritualidade de todo cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. 52, 65 p.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 06/04/2014, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.